

UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE
FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA

O “ SUCESSO DA VERGONHA”

ESTUDO DE CASO: ZAMBEZÍANOS NO MERCADO DO ESTRELA VERMELHA EM MAPUTO

Supervisor:

Dr. Adriano Maurício

Discente:

Silvana Fernando Lia

Maputo, Setembro de 2011

O “ sucesso da vergonha”

Estudo de caso: zambezianos no mercado da estrela vermelha em Maputo

Trabalho de graduação apresentado em cumprimento dos requisitos exigidos para obtenção do grau de Licenciatura em Sociologia na Universidade Eduardo Mondlane

Por

Silvana Fernando Lia

Departamento de Sociologia

Faculdade de Letras e Ciências Sociais

Universidade Eduardo Mondlane

Supervisor: **Dr. Adriano Maurício**

O Júri

O Presidente

O Supervisor

O Oponente

Data

-----/-----/-----

DECLARAÇÃO DE HONRA

Eu, Silvana Fernando Lia, declaro que esta monografia nunca foi apresentada para a obtenção de qualquer grau acadêmico e que ela constitui resultado da minha investigação , estando indicado no texto todas as fontes e referências que usei na sua produção.

Maputo, Setembro de 2011

(Silvana Fernando Lia)

DEDICATÓRIA

Dedico á Deus em primeiro lugar, por mim ter dado força para enfrentar esta batalha que é a universidade porque sem ele , não seria possível.

Aos meus pais Fernando Lia e Francisca Paulo Derroteia pelo seu apoio , moral,financeiro,afectuoso que sempre me prestaram de forma incondicional ao meu supervisor Adriano Maurício, que não existe palavras para descrever tudo o que fez por mim,

Meus tios Manuel Multar e Verónica Paulo Derroteia pelo apoio, aos meus irmãos, primos, amigos, colegas de residencia pelo seu carinho,conselhos encorajadores para seguir em frente com esta luta rumo a conclusão do trabalho final.

A Catia Ferreira, Edumndo Carlos Zandamela, Juntre Quenclave, Maurício José, Reginaldo Muthemba,Vany Tarcila P.Luciano, meu estimado grupo de turma que de forma incondicional sempre me apoio.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus em primeiro lugar por mim ter dado força para enfrentar esta batalha que é a universidade porque sem ele , isso não seria possível.

Aos meus pais que sempre estão comigo em todos os desafios da minha vida , ao meu supervisor que sempre me compreendeu , mesmo quando eu não deixava muito claro um determinado assunto com relação ao trabalho.

A minha companheira de grandes batalhas Vany Tarcila pelo carinho , compreensão que sempre a caracterizam,e que sempre estão presentes em nossas vidas.

As minhas colegas e amigas do quarto (101) Beatriz,Preciosa,Ercília,Melta e Ernesta o meu muito obrigado.

A minha gratidão vai também para os zambesianos vendedores no mercado do Estrela Vermelha, que tiveram pela participação de forma maciva na facilitação de respostas ao nosso questionario.

Quero aqui reiterar a minha gratidão aos meus docentes que fazem da ciencia uma ponte que une gerações, que foi com este propósito que me muniram de ferramentas para a continuidade deste.

Por fim a todos que directa ou indirectamente sempre me apoiaram, vai o meu sincero obrigado por tudo.

RESUMO

O fenómeno do êxodo rural é uma das características presentes na actualidade moçambicana. Neste trabalho de licenciatura procuramos analisar os processos de inserção social dos emigrantes nas zonas de chegada. Mais especificamente, analisamos os processos de inserção social dos zambezianos na Cidade de Maputo e tomamos como grupo alvo os vendedores informais do mercado Estrela Vermelha na cidade de Maputo. Nossos objectivos compreendem a definição do perfil social dos migrantes zambezianos, a compreensão do processo da sua integração social na cidade de Maputo bem como as razões que os fazem permanecer nesta cidade.

Invocando o quadro teórico interaccionista simbólico, esta monografia é estruturada em duas hipóteses principais: a primeira defende que a permanência dos zambeziano na cidade de Maputo está relacionada com o vergonha destes em regressar a sua terra natal sem o sucesso desejado e como segunda hipótese com o facto de terem estabelecido em Maputo redes sociais e grupos de sociabilidade que os permitem recomeçar a vida longe de seus contextos de origem. Em termos metodológicos, trabalhamos com método de abordagem hipotético-dedutivo, método de procedimento monográfico e estatístico.

Palavras chave: inserção social, integração social , zambezianos

ABSTRACT

Rural Exodus is one of the most prevailing characteristics of Mozambican population.

In this study is going to analyze the processes of social mobility of Mozambican rural migrants in the arrival zones, specifically the zambezian informal vendors, who trade in the Estrela Vermelha market, Maputo City. Our main aim is to identify their social profile, comprehend the processes of their integration, as well as the reasons of their permanence in the arrival zone.

Evoking the theoretical and interactional framework, this study is based on two main assumptions:

The first, assumption advocates that the settlement of zambezian immigrants in Maputo city is due to shame that they feel to return to their origin zone without having achieved the goals that moved them to this city (the improvement of their livelihood conditions). The second assumption, advocates that their settlement in this city is due to the fact of having established social groups or networks in the arrival zone, which enable them to restart life away from their original contexts.

The study was construed under three methods, namely, the deductive-hypothetic method, essay writing method and statistical method.

KEY WORDS: *Social insertion, social integration, zambezians.*

ABREVIATURAS

CFM-SUL----- Caminhos de Ferro de Moçambique -Sul

INE----- Instituto Nacional de Estatística

MICOA----- Ministério para Coordenação da Acção Ambiental

PRÉ----- Programa de Reabilitação Económica

RENAMO----- Resistência Nacional de Moçambique

Índice

	Pág.
DECLARAÇÃO DE HONRA.....	i
DEDICATÓRIA.....	ii
AGRADECIMENTOS.....	iii
RESUMO.....	iv
ABSTRACT.....	v
ABREVIATURS.....	vi
INTRODUÇÃO	2
CAPÍTULO 1:	
1.1. Contexto e surgimento da cidade de Maputo.....	8
1.2. Migrações internas em Moçambique	10
CAPÍTULO 2:	
2.1. Estudos sobre a migração interna e inserção social na Sociologia	12
2.2. Enquadramento teórico	15
2.3. Enquadramento conceptual	19
2.3.1. Inserção social.....	19
2.3.2. Migração	20
2.3.3. Adaptação.....	20
2.3.4. Integração Social.....	21
CAPÍTULO 3: Metodologia	23
3.1. Métodos de abordagem e de procedimento.....	23
3.2. Técnicas de recolha de dados e amostragem	23
3.3. Dificuldades na elaboração da monografia.....	25
CAPÍTULO 4: Apresentação e discussão dos resultados da pesquisa.....	26
4.1. Caracterização espacial e social do local do estudo.....	26
4.2. Perfil sócio-demográfico dos vendedores entrevistados	27
4.3. Da Zambézia a Maputo: definindo as causas de migração dos zambezianos	29

4.4. Redes sociais e integração social dos zambezianos em Maputo.....	33
4.5. Inserção social e permanência dos zambezianos na cidade de Maputo.....	34
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	40
BIBLIOGRAFIA	42
ANEXOS	45

INTRODUÇÃO

Um dos problemas da actualidade nos países em desenvolvimento prende-se com o crescimento desenfreado e desordenado das cidades sobretudo por causa dos movimentos migratórios internos que são causados, entre outros factores, pelas calamidades, guerras e a degradação da vida nas zonas rurais (Loforte, 1987). Moçambique, tal como acontece em outros países menos desenvolvidos, não escapa a essa lógica e a cidade de Maputo, por sinal a capital do país, tem sido o principal destino dos fluxos populacionais internos.

Esta monografia intitulada *inserção social dos zambesianos na cidade de Maputo* busca compreender a situação social dos grupos provenientes de outros pontos do país, particularmente aqueles que são provenientes da província da Zambézia. O nosso objectivo central é estudar a inserção social dos zambesianos que se encontram na cidade de Maputo, mais particularmente aqueles que desenvolvem actividades comerciais no mercado Estrela Vermelha.

O alcance do objectivo central definido passou também pelo seguimento de três outros objectivos específicos nomeadamente, (1) identificar o perfil social dos zambesianos vendedores do mercado Estrela Vermelha na cidade de Maputo; (2) analisar o processo de integração social dos zambesianos na cidade de Maputo e (3) identificar os factores de permanência dos zambesianos na cidade de Maputo, independentemente da sua integração social ou não nesta cidade.

Nossa problemática considera os aspectos conjunturais (guerras) que podem ser apontados como os factores que estão na origem dos fluxos populacionais das zonas rurais para as capitais províncias e das capitais províncias para a cidade de Maputo. Moçambique tornou-se independente em 1975, depois de um processo de luta de libertação nacional que durou dez anos. Nos anos subsequentes foram muitos os factores que reforçaram a atracção de imigrantes pela cidade de Maputo e outros centros urbanos.

Com efeito, as sucessivas crises económicas e sociais e o conflito militar que marcaram as décadas de 80 e 90 constituíram factor relevante para à mudança social em Moçambique. Entre os múltiplos factores conjunturais existentes, pode-se considerar a crise económica no meio rural

resultante da degradação dos termos de troca e, sobretudo, a política de desenvolvimento rural, seguido na década da independência, baseada numa economia e *machambas* estatais (Raposo, 2002).

O contexto da guerra, a mudança das infra-estruturas económicas e sociais acentuou a crise económica no meio rural, resultando na degradação dos termos de troca. Para além disso, a crise permaneceu e agravou-se nos primeiros anos da viragem para a economia de mercado marcada pela implementação do Programa de Reabilitação Económica (PRE) e que provocou efeito perverso (Araújo & Raimundo, 1999).

No entanto, no final do conflito armado em 1992, o cenário patente era de uma grande destruição de infra-estruturas sociais e económicas na maior parte das provinciais do país. A província da Zambézia, a segunda mais populosa de Moçambique, foi um dos locais onde a guerra atingiu proporções enormes. Foram destruídas as principais fontes de trabalho, a partir das quais uma parte da população obtinha a sua renda. Trata-se, fundamentalmente, de empresas agro-industriais que ocupavam um espaço de eleição na Zambézia (*Ibidem*).

Diante destes pressupostos, o cenário de migração por parte da população zambeziana para zonas mais tranquilas começou a acentuar-se consideravelmente. Dentro dos destinos dos migrantes zambezianos, estava a cidade do Maputo, a qual era uma das cidades menos afectada pela guerra e com mais esperanças de melhores condições de vida. Segundo Tajú (1993), a guerra apresenta-se como um dos principais factores de maior significado para o actual estado de saturação das cidades onde acentua-se o êxodo rural do campo para as cidades, tendo lançado milhares de camponeses para fora das suas zonas de origem, e tendo como consequência fortes concentrações populacionais nas cidades.

É nesse contexto que muitos zambezianos, na busca de melhores condições de vida, migraram para a cidade de Maputo, tendo a capital do país registado um aumento da população viente e, conseqüentemente, um aumento do custo de vida, onde os níveis de pobreza e desigualdade subiram de 47,3% para 53,2% (Instituto Nacional de Estatística - INE, 2004). Acrescendo a isto, os dados do INE (2004) indicam que o padrão da despesa em Maputo mostra que as pessoas gastam uma larga fatia dos seus rendimentos em bens não alimentícios, nas despesas com

habitação e transporte onde são particularmente elevados se compararmos com outras áreas urbanas e rurais do país.

O que se observa na cidade de Maputo é que muitos indivíduos oriundos da província da Zambézia tem se feito a esta cidade em busca de um “Eldorado” porém, uma vez na cidade capital se deparam com dificuldades de inserção tais como desemprego e pobreza, que condicionam as suas vidas, na sua maioria, vivendo em dependências arrendadas com um agregado não menos inferior a seis (6) membros; observa-se que na sua maioria não tem acesso aos produtos básicos de primeira necessidade, como por exemplo: o arroz, tendo que alternar com outro tipo de cereal como a farinha de milho para intercalar ou até mesmo em casos mais graves não conseguindo intercalar os mesmos. E por fim, na sua maioria diariamente possuem somente uma refeição.

Assim sendo, importa estudar a inserção social deste grupo de indivíduos na cidade de Maputo bem como a sua integração social.

Contudo, apesar das enormes dificuldades que enfrentam na cidade capital, sobretudo a dificuldade de se inserirem económica e socialmente, observa-se que os zambesianos não retornam massivamente às suas zonas de origem. Ora, isto pressupõe que há factores que os mantêm na cidade de Maputo e hipoteticamente consideramos dois: primeiro, a vergonha de regressar à zona de origem sem ter logrado o sucesso desejado, cujo a vergonha que ora enfrentaria consistiria em sentir-se excluído do grupo (famílias, amigos, vizinhos) a quando a sua chegada a Zambézia. E outro motivo pelo facto de não conseguir responder as necessidades dos seus familiares a quando a sua chegada, porque estando no Maputo conseguem fazê-lo, voltando tem receio de não satisfazer.

E segundo, o facto de que na cidade de Maputo constroem redes de relações sociais, de sociabilidade que lhes permitem recomeçar as suas vidas distantes da província da Zambézia. Redes sociais estas que se constituem da seguinte maneira: primeiro destes tende a se agrupar em função de serem da Zambézia e segundo a vinda dos mesmos é geralmente suportada por seus conterrâneos na cidade de Maputo.

Assim sendo, a nossa problemática consiste em estudar a inserção social dos zambianos na cidade de Maputo, as suas condições de sobrevivência e conseqüentemente, a sua integração nesta cidade. Partimos do pressuposto que os zambezianos na cidade de Maputo encontram decepção em relação as expectativas que tinham aquando a saída da terra natal e, por essa razão, se vêem na necessidade de adoptar um conjunto de estratégias de inserção social e de adaptação às condições que encontram.

Diante dos elementos anteriormente apresentados, esta monografia procura responder a seguinte questão de partida: diante do facto de não encontrarem satisfação às expectativas que os fizeram migrar a cidade de Maputo, como é que se caracteriza a inserção social dos zambezianos vendedores do mercado Estrela Vermelha e quais os motivos que os mantêm nesta cidade? Esta questão de partida é respondida através de duas hipóteses complementares:

- **Hipótese principal:** A permanência dos zambezianos na cidade de Maputo está relacionada com a vergonha destes em regressarem a sua terra natal sem o sucesso desejado.

- **Hipótese complementar:** Podemos aferir o facto de os zambezianos terem construído novas redes sociais que lhes permitem recomeçar a vida longe da sua zona de origem;

Em termos teóricos o nosso foco principal para compreender a inserção social dos zambezianos utilizaremos o interaccionismo simbólico de Mead (1930). Em termos conceptuais, trabalhamos com quatro conceitos: inserção social, integração social, adaptação e migração.

Em termos de metodologia, esta pesquisa faz a combinação de dois métodos: um método de abordagem hipotético-dedutivo e um método de procedimento monográfico. As técnicas de pesquisa e de recolha de informação consistiram na observação directa, na aplicação de um guião estruturado de questões bem como, a revisão de literatura. Em termos amostrais, a pesquisa abrangeu 20 vendedores informais no mercado Estrela Vermelha na cidade de Maputo.

A nossa pesquisa se apresenta pertinente na medida em que aborda as dinâmicas sociais relacionadas com um fenómeno actual nas cidades moçambicanas que é o êxodo rural. Procuramos a luz da teoria interaccionista, discutir as características da inserção social daqueles

indivíduos que abandonam a sua terra de origem em busca de melhores condições na capital do país Maputo.

É uma pesquisa que vai aumentar o universo das discussões sociológicas sobre a migração e inserção social em Moçambique explorando as características de um dos grupos que muito emigra no país, os zambezianos. Não temos intenção de apresentar as conclusões deste estudo como universalmente válidas e que explicam a situação da inserção dos emigrantes internos em Moçambique, contudo, acreditamos que aqui apresentamos importantes discussões sobre que dinâmicas específicas caracterizam os grupos vientes a cidade de Maputo.

Esta monografia tem quatro capítulos. No primeiro capítulo apresentamos a contextualização onde discutimos os aspectos relativos à situação da migração interna em Moçambique, suas causas e principais características. No segundo capítulo apresentamos a revisão da literatura com destaque para algumas das abordagens desenvolvidas em Moçambique sobre a migração interna bem como, para a apresentação do quadro teórico e para a definição dos conceitos.

O terceiro capítulo é reservado a metodologia. Neste capítulo apresentamos mais detalhadamente os procedimentos e as técnicas que culminaram com a elaboração da monografia. No capítulo subsequente, o quarto capítulo, apresentamos os resultados da pesquisa que são analisados, discutidos e articulados de acordo com o quadro conceptual e teórico proposto. No final, depois das considerações finais, apresentamos um anexo composto pelas questões principais que colocamos aos nossos interlocutores.

CAPÍTULO 1

1.1. Contexto e surgimento da cidade de Maputo

A área de estudo, outrora denominada Lourenço Marques (hoje Maputo) fundada em 1782 na forma de feitoria e em 1877 foi elevada a categoria de vila e em 10 de Novembro de 1887 a categoria de cidade por meio de um decreto do rei de Portugal (formalmente intitulado decreto régio). Em 1898 tornou-se a capital da colónia portuguesa de Moçambique, a partir dos anos 40 e 50 do século XIX e sobretudo ao longo dos anos 60 e 70, a cidade expandiu-se a nível comercial, industrial e residencial, beneficiando do crescimento económico e investimento que a colónia então sofreu (Araújo e Raimundo, 1999, MICOA, 1997, Muchangus, 1994).

A Cidade passou a designar-se Maputo depois da independência nacional, uma decisão anunciada pelo então presidente Samora Machel num comício a 3 de Fevereiro de 1976, o nome provém do rio Maputo, que marca parte da fronteira sul do país. Com a independência a cidade sofreu um imenso afluxo populacional, devido a guerra civil travada no país (1976-1992) e a falta de infra estruturas nas zonas rurais. O natural crescimento demográfico faria também com que a cidade se transformasse muito ao longo dos anos 80 e 90 (Araújo, 1997).

Partindo destas duas designações, a cidade e a sua área também foram conhecidas por outros nomes, tais como, *baia da lagoa, xilunguine, ou chilunguine (local onde se fala a língua portuguesa), mafumo, camfumo ou campfumo (do clã dos m'pfumo, o reino mais importante que existe nesta região), delagoa e delagoa Bay, sendo estas designações mais conhecidas internacionalmente pelo menos ate aos primeiros anos do século XIX (ibidem).*

A cidade constitui administrativamente um município com um governo eleito, tem também desde 1980, o estatuto de província, o município ocupa uma área de 316km² e estende-se desde o extremo norte do rio Maputo até ao município da matola e distrito de Marracuene. A cidade de Maputo está dividida em sete distritos: distrito urbano de KaMpfumo antigo numero 1, distrito urbano de NIhamunkulu ou Chamanculo antigo numero 2, distrito urbano de Kamaxaquene ou Maxaquene antigo numero 3, distrito urbano de Kamavota ou Mavota antigo numero 4, distrito urbano de Kamububukwana ou Mabukwane antigo numero 5, distrito municipal da ilha de Inhaca e distrito municipal da catembe.

A cidade de Maputo regista, actualmente, um crescimento populacional de 1,2 por cento em cada ano, equivalente a metade da média nacional, calculada em 2.4 por cento. Segundo os resultados do 3º Censo Geral da População e Habitação, divulgados pelo Instituto Nacional de Estatística (INE, 2007), a cidade de Maputo contava com 1.094.315 habitantes em Agosto de 2007, contra 966.800 registados em 1997. Deste número 532.429 são homens e 561.886 são mulheres, correspondente a um rácio de 95 homens para 100 mulheres.

A economia do município de Maputo esta fundamentalmente virada para a indústria, comércio e serviço, possui o principal porto do País considerado o segundo em toda costa oriental de África devido a sua dimensão, capacidade de manuseamento de carga e produtividade. A este do porto conflui 3 principais linhas ferroviárias que ligam á a república da África do sul (linha de Ressano Garcia), ao Zimbabwe (linha do limpopo) e á Suazilândia (linha de goba), compondo o sistema e redes dos transportes de caminhos-de-ferro de Moçambique sul (CFM-SUL), conhecido como corredor de Maputo.

A componente ferroviária dos CFM-SUL constitui a mais importante de toda a rede ferroviária de Moçambique, tanto por servir de *hinterland*, tanto ao apoio ao desenvolvimento dos sectores industriais, e agrícola da zona sul do rio save. Maputo possui ainda um dos melhores aeroportos internacionais da região, o aeroporto internacional de mavalane e alberga as redes, delegações e filiais da rede bancária existentes nos países, companhias de seguro e demais importantes empresas públicas e privadas.

O comércio é caracterizado por dois tipos de mercados: o mercado formal, que compreende a rede de comércio a retalho e grossista, espalhada pela Cidade e arredores, e o mercado informal, constituído por um conjunto de vendedores espalhado pela cidade. As confissões religiosas mais professadas são: igreja saião Apostólica, católica, evangélica, ou protestante, muçulmana, hindu e animista (INE, 2004). As línguas, mais faladas na cidade de Maputo são as seguintes: português, xichangana, cicopi, xitswa, bitonga ou gitonga e outras línguas estrangeiras e Moçambique não identificadas (*idem*).

1.2. Migrações internas em Moçambique

Os factores tradicionais que regem os movimentos migratórios populacionais em direcção as cidades a procura de emprego, e melhores condições de vida, em combinação com factores de sordem jurídica e conjuntural, tais como a guerra civil, as calamidades naturais (sobre tudo a seca, e cheias) são as principais responsáveis pela elevada imigração rural-urbano que presentemente se assiste em Moçambique (Araújo e Raimundo, 1999). E esta, como refere Oucho e Gould (1996), Beaujeu-Garnier (1997), Araújo (1997) e outros é uma das fortes componentes do crescimento demográfico urbano.

Em Moçambique vive-se diariamente um crescimento populacional incontrolável das cidades vendo-se, surgir novos conjuntos de construções precárias dum dia para o outro em locais sem as mínimas condições de habitabilidade, assistindo-se o aparecimento de machambas (terrenos cultivados) entre os edifícios de cimento, nas barreiras e junto as praias, (Araújo e Raimundo, 1999). Alem disso Araújo refere que o longo do conflito armado entre a RENAMO e o governo do país, forçou varias famílias rurais a procurar refugio nas cidades o que, naturalmente modificou a estrutura das mesmas.

Contudo a cidade de Maputo foi uma das mais afectadas por essas imigrações ora vejamos os dados que a cidade de Maputo regista actualmente, um crescimento populacional de 1,2 por cento por ano, equivalente a metade da média nacional, calculada em 2.4 por cento. Segundo os resultados do 3º Censo Geral da População e Habitação, divulgados pelo Instituto Nacional de Estatística (INE), a cidade de Maputo contava com 1.094.315 habitantes em Agosto de 2007, contra 966.800 registados em 1997.

O censo de 2007 apontou uma população de 1.094.315 habitantes, um crescimento de 13,2% em relação ao censo anterior realizado em 1997, onde foram apurados 966.837 habitantes. Este crescimento populacional equivale a 1,2% ao ano, metade da média nacional de 2,4%. Segundo o INE (Instituto Nacional de Estatística), este crescimento populacional lento em Maputo é resultado da migração para a província de Maputo, principalmente para as zonas de expansão habitacional nos distritos de Boane, Marracuene e cidade da Matola.

O INE relata ainda que entre 2006 e 2007, a cidade de Maputo recebeu de outras províncias 26.038 pessoas, por outro lado, 39.614 saíram para a província de Maputo, contudo isso nos leva a perceber que os residentes nativos na sua maioria mudaram-se para o município da matola mas em contra partida pessoas de outras províncias vieram a capital.

Com uma área de 347,69 km², a Cidade de Maputo é habitada por 1.094.315 pessoas das 20.530.714 que perfazem o universo da população abrangida pelo III Recenseamento Geral da População e Habitação de 2007 em Moçambique (Censo 2007). Com base em dados divulgados pelo Instituto Nacional de Estatística (INE), apurou-se que vive na capital moçambicana 5.3% da população total, contra 6.1% registado no Censo de 1997 quando a população total do país era de 16.099.246. Significa isso que de 1997 a 2007, a população da capital moçambicana incrementou em 112.261 pessoas, um aumento de 0.8%.

O maior crescimento populacional que a cidade do Maputo teve, registou-se na primeira década de (1970-1980). Os principais factores que contribuíram para esse crescimento sobretudo nos primeiros 5 anos da independência nacional são: o elevado crescimento natural derivado da queda muito acentuada da mortalidade impulsionada pelos melhorias das condições gerais de saúde, educação, habitação, entre outras, num momento em que a natalidade aumentava INE (1998), e o aumento da importância da cidade do Maputo como principal pólo de desenvolvimento passando a atrair mais imigrantes das áreas rurais e das outras cidades do país Araújo (1997).

CAPÍTULO 2

2.1. Estudos sobre a migração interna e inserção social na Sociologia

Apresentaremos os diferentes estudos em torno do tema que de maneira objectiva ou subjectiva tem relevância para o presente trabalho. Começaremos por apresentar estudos de outros quadrantes do mundo e por fim cingindo aos casos específicos de Moçambique.

Guimarães (1990) faz um estudo sobre os operários e mobilidade social na Bahia, em que ele trás uma trajectória dum funcionário da indústria petroquímica. Guimarães mostra a mobilidade social dum operário no local de trabalho, fazendo uma comparação com os outros operários no interior da petroquímica e entre ele e os funcionários do Aparelho do Estado. Segundo Guimarães (1990), afirma que existe uma hierarquia de salários dos operários em comparação com outros funcionários no interior da petroquímica, porém existe uma equidade em comparação aos funcionários públicos. Segundo este autor, a desvantagem dos operários no interior da petroquímica é devida à origem, o nível de instrução, valores culturais dos operários.

Azevedo (1996) empreendeu um estudo dedicado á mobilidade e a estratificação social em Salvador. O autor reconhece a existência de preconceito racial, mas reduz sua importância considerando-o muito brando ante o de classe, além disso argumentava que somente negros e mestiços, não socialmente brancos, sustentavam existência do racismo.

Sobre a mobilidade, Azevedo (1996) descreveu a cidade de Salvador como uma sociedade multirraciais de classes, na qual negros e brancos competiam igualitariamente, diferenciados apenas por suas habilidades e por outros adereços pessoas, negros e brancos teriam, portanto chances equivalentes de ascensão social, todavia essa ascensão social não implicaria mudança completa de status, pois ocupar postos mais valorizados não representaria necessariamente ascensão em outras esferas de vida social, o negro e o mestiço poderiam, por exemplo vir a ser advogados ou engenheiros mas dificilmente pertenceriam aos clubes ou seriam introduzidos nos círculos familiares dos brancos nessas profissões.

Óscar (2004) contrapõe a tese de que o preconceito de classe no Brasil seria predominante em relação ao racial, que praticamente inexistiria, sendo frequentemente evocada como explicação das inegáveis desigualdades entre os negros e os brancos. As razões de “pretos” e os místicos serem maioria nas posições inferiores da hierarquia social era a proximidade histórica do período escravocrata, quando se encontravam na posição subalterna possível para um ser humano.

Contudo, o autor acredita que as diferenças socioeconômicas entre os negros e os brancos progressivamente tenderiam a desaparecer devido a mobilidade que já se regista dentro dos negros. Uma das provas de que o racismo não existia ou era de pouca relevância na sociedade brasileira, do ponto de vista de alguns dos advogados da tese da democracia racial, seria a mobilidade ascendente dos mulatos.

Pierson (1945), que teve em um de seus livros mais importantes, *Negroes in Brazil*, publicado em 1942, considerava que não havia visto em Salvador, Bahia, onde conduziu sua pesquisa, o tipo de preconceito racial então vigente nos Estados Unidos. Admitia a existência de preconceito contra os negros, só que não racial, mas de classe, pois no Brasil negros e Brancos não estavam separados em castas, como em sua terra natal. Todavia, Pierson (1945) ponderava que talvez a ausência de preconceito racial pudesse ocorrer em decorrência de os negros não terem, até então, entrado em competição efectiva com os brancos.

De acordo com Pinto (1992), o panorama das relações entre classe e raça afigura-se bem distinto. Pinto baseia sua análise em uma premissa teórica particularmente interessante, a de que castas e classes não são independentes, mas antes momentos históricos distintos de um mesmo fenómeno. A superação histórica da estrutura de castas levaria à emergência de uma estrutura de classes, mas no momento seguinte, se o grau de mobilidade social proporcionado pela abertura das classes se tornasse elevado o bastante para ameaçar a estabilidade da sociedade, enriquecer-se-ia em movimento de resistência à transformação, ressurgindo elementos da estratificação por castas.

Além disso, Pinto (1992) não vê na ausência de mecanismos formais de discriminação, cristalizados em lei, indícios de democracia racial, mas sim de uma outra forma de

discriminação, também intensa, cuja condição de funcionamento eficiente é justamente a cobertura das discriminações de fundo étnico.

Pinto (1992) empreende uma análise da relação entre raça e estratificação social (aproximada pela estrutura ocupacional e pelos ramos de actividade económica) com base nos Censos de 1985 e 1990 realizados no Brasil. Os dados que levanta levam-no a concluir, como nos demais estudos anteriormente mencionados, que os negros estão sobre representados nos estratos inferiores, nas ocupações menos valorizadas e nos ramos de actividade económica que remuneram menos e que oferecem trabalhos manuais, exaustivos. Entretanto, não atribui o fato à proximidade histórica da escravidão, mas às barreiras étnicas travestidas de barreiras não-étnicas.

Pinto (1992) questiona o mito da mobilidade ascendente dos mulatos, considerando que as “honrosas excepções” frequentemente citadas como indício da inexistência de barreiras raciais à ascensão na estrutura de classes não são mais que figuras de um discurso ideológico destinado a reforçar tais barreiras. A única mobilidade experimentada pelos negros no Rio de Janeiro em setenta anos, do Censo de 1985 ao de 1990, teria sido de escravo a proletário. A passagem se dá à condição de proletário, não de cidadão – a igualdade formal de direitos é vista por autor como uma mistificação engendrada pela ideologia liberal do século XVIII para escamotear os problemas das desigualdades de fato entre os homens reais.

De acordo com Siteo (2004), no seu estudo sobre Imigrantes zambesianos na cidade de Maputo, o que gera o mal-estar e consequentes problemas de integração do imigrante zambesiano na cidade de Maputo, para além dos constrangimentos estruturais, ou seja, a dificuldade de encontrar empregos formais, não é incapacidade para conviver com os códigos culturais diferentes, mas o estereótipo que recai sobre a sua pertença. Pode ser que estereótipos que consubstanciam várias significações nos termos “xingondo” e “xiviauna” sejam responsáveis pelo fechamento dos imigrantes em grupos de origem comum e agudizem a alteridade.

Pedro (2008), na análise de como os imigrantes oriundos da província da Zambézia inserem se no meio urbano da cidade de Maputo, auferi que as redes sociais baseadas no parentesco são muito importantes porque como referiram alguns dos informantes, se não fosse pelo apoio parentes jamais teriam conseguido se fixar em uma cidade como Maputo.

Dos estudos que temos acesso discutem sobre questões relacionadas com a mobilidade e integração dos negros e funcionários na sociedade brasileira e moçambicana, enquanto nós queremos tratar de questões ligadas á inserção de grupos étnicos em particular (zambesianos) e o porque do não regresso as suas zonas de origem mesmo sem terem atingidos o sucesso desejado.

2.2. Enquadramento teórico

Esta monografia combina possibilidades de análises que exigem a aplicação de uma combinação de explicações teóricas que ajudam a compreender, por um lado, a questão da inserção social e, por outros, os aspectos dinâmicos a ela inerentes como o caso da inserção social de indivíduos que se encontram residindo fora dos seus contextos de origem.

A tentativa de explicação teórica dos processos de inserção social é, de acordo com **Anthony Heath** citado por **Ferreira et al** (1995) é bastante antiga: onde quer que existam sociedades desiguais, a questão, è mais cedo ou mais tarde colocada. De acordo com Heath citado por Ferreira (1995), datam apenas do inicio do século XX as primeiras referências sistemáticas ao fenómeno da mobilidade social. È apenas neste século que a sociologia se concentra sobre o problema seja porque não tinha antes estabelecido as premissas básicas dos seus raciocínios, seja porque só então se apercebeu da natureza central que a inserção assume nas sociedades modernas.

Assim o nosso enquadramento teórico do problema será feito efectivamente á luz da **teoria interacionista**. É, como refere Turner (1999), é bom falar sobre “partes”, “todos”, “função”, “desigualdades” e “conflitos”. Mas o que dizer das pessoas que devem se encarar e lidar umas com outras, com os actores sociais da sociedade de destino num ambiente socialmente estranho?

Mead citado por Ferreira et al (1995) sublinha a natureza simbólica da vida social, as significações sociais devem ser consideradas como produzidas pelas actividades interativas dos agentes, segundo este afirma que o interaccionismo simbólico é a concepção que o agente tem do mundo social, que constitui em última instância o objecto da interacção simbólica. A teoria da interacção coloca o indivíduo como o centro da acção de toda a problemática indivíduo vs sociedade.

Uma vertente das teorias de interação que tem como principal mentor **George Herbert Mead** (1863-1931) cujas ideias são expressas no seu texto fundador do interaccionismo simbolico na sua obra *mind, self and society*.

Ele compreende a sociedade como um sistema de comunicação interindividual e de significados, a ideia de que a sociedade não é dada e se constroem através da dinâmica social baseada na linguagem que se expressa na capacidade reflexiva dos indivíduos, e que se processa através da aquisição da linguagem, os indivíduos adquirem normas, regras, valores e crenças que abalizam a sua possibilidade de viver em sociedade.

Para Mead o interaccionismo simbolico inicia-se na base da distinção do comportamento dos infra-humanos e dos humanos distinção essa que se baseia na linguagem que expressa a capacidade reflexiva dos indivíduos, preocupado com a construção da identidade social, Mead tenta compreender como se forma esta individuação, e é deste modo que cria três conceitos a self, mind e o outro generalizado.

O conceito de self

Segundo Mead define a self pela capacidade de organizar a sua própria experiência com o mundo e o mundo com sua própria relação com os outros, é através da self que os indivíduos adquirem a consciência reflexiva a partir do simbólico, pois, é com os símbolos e pelos símbolos que os indivíduos interagem.

Segundo Mead a pessoa não é algo que se faz presente no nascimento é antes de tudo produto da experiência e das actividades sociais ou seja das relações que se desenvolvem neste processo todo e com os outros indivíduos que nele se encontram.

A pessoa não se encontra na inteligência das formas inferiores da vida animal é em grande parte da inteligência humana. As simples acções que os indivíduos desenvolvem na relação com o mundo prático não envolvem segundo Mead a pessoa, por tratar-se apenas de uma certa proporção de experiência sensorial. Nestas condições é importante distinguir duas coisas importantes: a experiência imediata e a nossa própria organização dessa experiência na pessoa.

Assim, o self é definido e caracterizado pela capacidade de organização da sua própria experiência no mundo e a sua relação com os outros, a capacidade da pessoa se constituir para si mesma como um objecto.

O conceito de mind

Vem designar a consciência reflexiva no universo simbólico que mediatiza a actividade social, porque segundo Mead a especificidade da realidade humana resulta da singularidade da actividade social que radica na existência de símbolos.

A ideia

A sociedade não é mais do que um processo comunicacional desenvolvido pela interacção simbólica dos seus participantes agrupados em instituição.

O modo como os indivíduos interagem nessas instituições depende do outro generalizado, pelo qual o indivíduo apreende a lógica da instituição e determina a sua forma de comportamento dentro dela.

Assim como o comportamento é resultado de uma tensão entre o I e o M, as instituições e a sociedade são a expressão dessa tensão que pode ser solucionada pela estabilidade ou regularidade (comportamentos rotinizados que garantem a continuidade das instituições) ou pela emergência do conflito (sempre que os participantes percebem que as instituições contrariam a perseguição e realização dos seus interesses práticos).

O outro generalizado

É a capacidade de organizar, dentro da construção da sua própria experiência (self) não só a identificação dos papéis, mas também a sua organização segundo regras e normas precisas é capaz de interiorizar os outros que se torna um agente activo, capaz de manter as situações adequando o seu comportamento ao dos outros numa actividade cooperativa, ou de modificar as situações em que se insere, quando estas constroem a sua liberdade e os seus interesses.

De acordo com este autor os problemas que afectam as sociedades industriais modernas não são os decorrentes da ordem, mudança, do conflito ou formas das relações de poder, mas os que decorrem do modo a complexidade destas sociedades pode afectar a estrutura do outro generalizado e a sua interiorização na estrutura da personalidade.

Ele admite que pode haver uma discrepancia entre um acto social mais vasto a qual a pessoa participa, e o quadro que a pessoa tem deste acto social que lhe é dado pelo outro generalizado, que é formado pelo participante que pode estar restrito a uma pequena comunidade em vez de reflectir a comunidade mas vasta pelo qual esta envolvido, tendo a sociedade com a sua tendência universal para uma nova lógica de uma dada organização também aumenta cada vez mais, neste sentido, o reconhecimento desta organização pela comunidade vai-se afastando cada vez mais da própria organização, é dai que se da crise do outro generalizado que decorre do modo como se conciliam os dois principais processos de desenvolvimento da vida humana. O processo pelo qual a experiência humana é universalizada e o processo pelo qual a vida humana é concretizada.

Diante das premissas teóricas do autor e pegando aquilo que é a nossa problemática que é inserção social dos Zambézia na cidade de Maputo podemos afirmar que a pessoa não sendo algo que se faz logo a nascença e sendo produto da experiencia e das actividades sociais com os outros individuos que nele se encontram podemos afirmar que há, aqui, interação entre os zambeianos e outros intervenientes da sociedade mas esta interação não reflete aquilo que é a consciencia reflexiva (o mind) destes, visto que há interação, mas esta interacção não é recíproca, visto que esses individuos integram essas instituições mas o modo como interiorizam as mesmas é diferenciado na medida que não se identificam com o universo de símbolos que a própria sociedade lhes apresenta, símbolos estes que podem ser diversificados desde o modo como estes se excluem das participações como cidadãos até o modo como se posicionam em relação a sua condição de vida é neste momento que se instala a crise do outro generalizado, criando processos pelos quais os zambeianos se sintam descriminados deles proprios para com a sociedade bem como a sociedade para com eles.

A **teoria interacionista** tende à responder à essa questão dos zambesianos na cidade do Maputo é considerando o indivíduo como activo na relação e na interacção simbolicamente mediada que estabelece na sociedade.

Com efeito, **Mead** citado por Ferreira et al (1995:95), fornece-nos o seguinte subsídio específico da realidade humana no processo da interacção resultante da singularidade da actividade social que radica na experiência simbólica, que é a partir dos símbolos e pelos símbolos que os indivíduos interagem e atribuem sentido à sua própria experiência com os outros, isso é com os objectos sociais que os rodeiam.

Do ponto de vista sociológico, o aspecto interaccional mais importante das ligações, numa rede, tem á ver com os significados que as pessoas na rede atribuem as suas ligações (Mitchell, 1969). Na verdade, embora as redes sociais não tenham constituindo um elemento central do nosso problema, julgamos pertinente levar em conta o pressuposto da existência duma teia de relações sociais interligadas e mantidas pelos imigrantes, por um conjunto de expectativas mútuas e que apoia o movimento de pessoas através de informações que os unem desde á origem ao local de destino.

2.3. Enquadramento conceptual

Para o estudo e análise da inserção social dos zambesianos na cidade de Maputo, vamos utilizar os seguintes conceitos: inserção social, migração, adaptação e integração social.

2.3.1 Inserção social segundo Acioli (2007) Inserir a comunidade economicamente activa e melhor provida de condições ambientais, culturais e sociais, nas causas comunitárias mais emergentes. A Inserção Social convida a própria sociedade a repensar seus modelos e reaplicá-los, adequando-os para que ações implementadas possam efetivamente ampliar e trazer para uma só visão a prática da condição dos Direitos Humanos a disposição de todos.

Inserção social, no seu sentido mais profundo, é engajar a população em favor do colectivo, de modo que todos, sem exceção, possam ter acesso à informação, alimentação, saúde, educação, habitação, trabalho, renda e dignidade. E a única forma de se chegar a esse ponto é mobilizar a

sociedade como um todo para que todos efetivamente possam ser integrantes de uma sociedade mais justa, igualitária e que promova crescimento real em todas as regiões, eliminando seus déficits apresentados nos indicadores sociais discutidos mundialmente (íbidem).

Nesta monografia interessa-nos este conceito na medida em que procuramos compreender dos zambesianos na cidade de Maputo que se encontram exercendo actividades do sector informal no mercado Estrela Vermelha se sentem ou não inseridos na sociedade local de modo a se engajar para um ideal comum o bem-estar social de todos. A ideia é saber se a migração trouxe ou não mudança nas vidas dos migrantes, quer para melhor, quer para pior.

2.3.2. Migração

Segundo Araújo (1997) a migração é considerada como um processo, que tem na emigração o seu acto inicial e na sequência a imigração e emigração são duas faces da mesma realidade. De um modo geral, a emigração é entendida como sendo o movimento saída de pessoas de uma determinada área geográfica e a imigração o movimento de chegada. Então a migração seria o processo social, portanto que não são um fenómeno estritamente demográfico nem um mero resultado do somatório de decisões individuais, são pessoas que imigram, conjuntos sociais com os seus valores e normas que se transferem dum espaço para o outro, podendo ser rural ou urbano, ou de uma região para outra.

Para esta monografia é útil compreender as causas dos migrantes internos que são variadas pois são igualmente várias as circunstanciais capazes de promover movimentos de entrada, de saída de troca de populações de uma região para outra que podem incluir causas de natureza econômica, política ou natural. Os zambesianos quando migram levam consigo expectativas de melhorar as suas condições de vida e aqui é importante compreender os modos de vida, tanto na zona de saída (Zambézia) como na zona de chegada (Maputo).

2.3.3. Adaptação

Segundo Bourdieu (2001), na noção de habitus á acção não é a simples execução de uma regra, os agentes sociais estão investidos de um sistema de disposições adquiridas pela experiência, que varia de acordo com o tempo e lugar, as condutas podem estar orientadas para determinados fins

sem que sejam conscientemente dirigidos a esses fins ou seja as práticas rituais são produto de um senso prático e não uma espécie de cálculo inconsciente ou de obediência cega a uma regra.

Assim, para á presente monografia, a adaptação é entendida como o processo pelo qual o imigrante passa no momento que precede a sua chegada para se ambientar ao modo de vida quotidiano na cidade de Maputo. Estamos a partir do pressuposto de que em geral o emigrante vem de uma região ou localidade relativamente pequena e com um grau considerável de homogeneidade e que se encontram subitamente mergulhado num meio bastante heterogéneo onde mantêm múltiplos contactos e desenvolve modos diferentes de ganhar a vida.

2.3.4. Integração Social

De acordo com Gugler (1992), os factores que intervêm no processo de integração dos imigrantes dividem-se grosso modo em dois conjuntos, a saber: os que dizem respeito as características individuais dos imigrantes e os que se relacionam com as características fundamentais do local de acolhimento.

Quaisquer que sejam os motivos que possam influenciar à deslocação dos indivíduos de um lugar para o outro, a questão da integração num novo meio ambiente constitui se a partir do processo migratório e tende á associar-se á questão de assimilação, isto é do processo que leva á fazer do outro um semelhante que partilha os mesmos modelos costumeiros, nesse contexto à integração dos zambezianos requer à ressocialização que implica à aprendizagem de novos códigos simbólicos.

Para este trabalho, à questão de integração será tratada fundamentalmente considerando por um lado as relações sociais que o imigrante oriundo da província da Zambézia estabelece na cidade do Maputo, a possibilidade ou não de constituir família, sem que seja necessariamente com a filiação em igrejas ou a participação em outros cultos religiosos, relações de amizade e os locais de lazer que frequenta. Por outro lado, considerando que a migração inclui predominantemente a motivação que advém de insatisfação económica no local de partida, definimos igualmente a nossa acepção de integração como sendo a possibilidade que o imigrante oriundo da província da Zambézia tem de aceder regularmente ao mercado formal de trabalho.

Segundo Pinto (1991), integração é todo o conjunto de mecanismos através dos quais um grupo ou sociedade recebe um novo membro e pode exprimir o vivido por uma pessoa que quer vir a aceder condição de participação plena numa sociedade ou numa organização. Com efeito no trabalho procuramos compreender os constrangimentos criados pela pobreza na cidade de Maputo envolvendo várias estratégias com vista a sobrevivência, à defesa dos interesses individuais, familiares e colectivos, das redes de solidariedade, ao nível da família alargada dos grupos de origem comum.

Estas redes só podem reforçar normas costumeiras como também pode criar novas relações de solidariedade, onde as relações de vizinhança, por exemplo, passam a jogar um importante papel no desenvolvimento de laços de solidariedade e inter-ajuda. Se por um lado não é possível ignorar que muitas normas respeitantes a um meio rural acabam por ser transferidos e adaptados a um contexto urbano onde algumas normas costumeiras, continuam a oferecer uma certa segurança no processo de relações sociais, por outro lado deparando-mos com casos de redefinição de diversas estratégias de sobrevivência.

CAPÍTULO 3

Metodologia

3.1. Métodos de abordagem e de procedimento

A nossa pesquisa apresenta uma abordagem hipotético-dedutiva. Segundo Goldenberg (2000), o método hipotético-dedutivo consiste na colocação de um problema respondido através de hipóteses e que se sujeitam a verificação empírica; somente o real pode confirmar ou rejeitar as hipóteses levantadas e que se constituem na tentativa de explicação de um fenómeno determinado. Para o caso da monografia, colocamos um problema que foi respondido através de duas hipóteses de trabalho e que orientaram todo o processo de recolha de dados para posteriores análises e interpretações.

No que diz respeito aos métodos de procedimento, aplicamos dois: o método monográfico e análise estatística. O primeiro consiste no estudo de uma parte do todo com a finalidade de obter generalizações e o segundo consiste na aplicação de meios numéricos (quantitativo e qualitativo) para medir ou explicar um fenómeno determinado (Demo, 2000), usamos amostras aleatória simples (cujo o resultado não é previsto), utilizando probabilidades, criando variáveis e hipóteses. Aqui nesta monografia, aplicamos o primeiro método na medida em que estudamos um grupo específico de zambesianos que se encontram na cidade de Maputo e aplicamos o segundo método na medida em que a componente numérica é um dos suportes dos dados resultados que são aqui apresentados.

3.2. Técnicas de recolha de dados e amostragem

A recolha de dados e das informações presentes na monografia foi possível utilizando a revisão de literatura, a observação directa e a aplicação de um questionário de perguntas semi-abertas. A revisão de literatura foi o primeiro momento da produção do projecto de pesquisa e da monografia e através dela foi feito um levantamento dos textos que abordam a questão da migração e mobilidade social bem como, a elaboração do quadro teórico e conceptual que apresentamos.

A observação directa aconteceu no mercado Estrela Vermelha e a mesma justifica-se pela necessidade que tivemos de fazer um reconhecimento ao terreno do estudo bem como, pela necessidade de caracterizar a disposição espacial do mercado e das diversas relações e interacções sociais que nele se estabelecem.

Aplicamos também um guião de questões semi-abertas. Este tipo de questionário – que comporta questões abertas e questões fechadas – é ideal para a realização de pesquisas que combinam uma componente quantitativa e outra qualitativa. Há um grupo de aspectos que só podíamos captar através da medição quantitativa contudo, passíveis de interpretação qualitativa. Assim, além das questões fechadas, colocamos também questões abertas com o objectivo de compreender as experiências e expectativas dos nossos interlocutores, salientar que os nomes dos nossos entrevistados são fictícios.

A amostra da pesquisa é composta por 20¹ indivíduos que foram seleccionados aleatoriamente. Todos os entrevistados são do sexo masculino e, ainda que tivéssemos previsto entrevistar mulheres, entre os zambesianos vendedores do mercado Estrela Vermelha só encontramos homens, visto que as mulheres zambesianas na sua não estão habituadas a desempenhar o tipo de actividades que a maioria das mulheres do mercado do estrela desempenham (confeccionar alimentos) por esta razão não há mulheres no mercado, foi o que nos foi dito quando perguntamos o porque da ausência de mulheres zambesianas no mercado Estrela Vermelha. Esta é a razão porque nenhuma mulher foi entrevistada nesta pesquisa.

Os entrevistados foram seleccionados aleatoriamente, contudo, entre os zambesianos que vendem no mercado Estrela Vermelha. Não seleccionamos especificamente um grupo de vendedores que esteja num ramo específico e todas as entrevistas decorreram no mercado e durante o período de vigência das actividades no mesmo. O Padrão escolhido é de acordo com a faixa etária, nível de escolaridade, e o tipo de actividade praticada no mercado Estrela Vermelha.

¹ O número foi definido por conveniência.

3.3. Dificuldades na elaboração da monografia

Foram inúmeras as dificuldades encontradas para a elaboração do trabalho, falta de literaturas internas que tratam desta questão da inserção social, são quase poucas se não poucas os estudiosos moçambicanos que abordam sobre esta questão.

Falta de obras literárias nas bibliotecas que falam sobre o tema em questão, foi difícil também convencer os zambezianos entrevistados para eles pudessem dar alguns depoimentos relacionados com a sua estadia no Maputo, porque tinham outras percepções daquilo que era o foco do nosso estudo outros pensavam que era para lhes reconduzir as suas zonas de origem então ficavam um pouco receosos, diante deste receio o trabalho de os convencer que se tratava-se apenas de um trabalho de fim de curso não foi fácil.

CAPÍTULO 4

Apresentação e discussão dos resultados da pesquisa

4.1. Caracterização espacial e social do local do estudo

A pesquisa de campo decorreu no mercado Estrela Vermelha na cidade de Maputo. Geograficamente este mercado se situa no bairro do Alto Maé e é Limitado a Este pela Av. Albert Lithuli, a Oeste pela Rua Romão Farinha, Sul pela Av. Emília Daússe e a Norte por uma parte do conjunto habitacional que o cerca. Em termos de composição, o mercado é ocupado por barracas das mais diversas características: algumas construídas em material precário, outras em material convencional, porém, móveis; outras ainda de alvenaria e com estruturas mais consistentes.

Além destas características, o espaço do mercado – enquanto local de troca, venda e aquisição de bens² Granovetter e Swedberg (1982), extrapola as suas fronteiras físicas, invade os passeios do muro que o cerca, e suas actividades também acontecem em conexão com os moradores da zona. O mercado se situa numa área residencial e os espaços habitacionais ali existentes servem também para acomodar alguns negócios – bares e *cellshops*³ - além de servirem também de armazéns e de locais de conservação de mercadorias.

Mesmo numa aparente desordem, a disposição de mercadorias no mercado obedece a uma lógica de divisão: para cada área há um tipo específico de mercadorias que são vendidas. No que concerne as mercadorias, observa-se que no “Estrela Vermelha” é possível encontrar uma grande variedade de opções e possibilidades de compra: electrodomésticos, mobiliário, bebidas, vestuário, material de ferragem, acessórios de automóveis, artigos electrónicos, produtos alimentares, entre outros.

O mercado Estrela Vermelha também configura realidades sociais: nele se desenvolvem interações sociais de indivíduos de ambos os sexos, de várias idades e origens, nacionalidades, profissões e ocupações. É um mercado também popular pelo facto de ser considerado um dos

² Definição clássica da economia.

³ Termo usado para designar lojas de reparação de telemóveis.

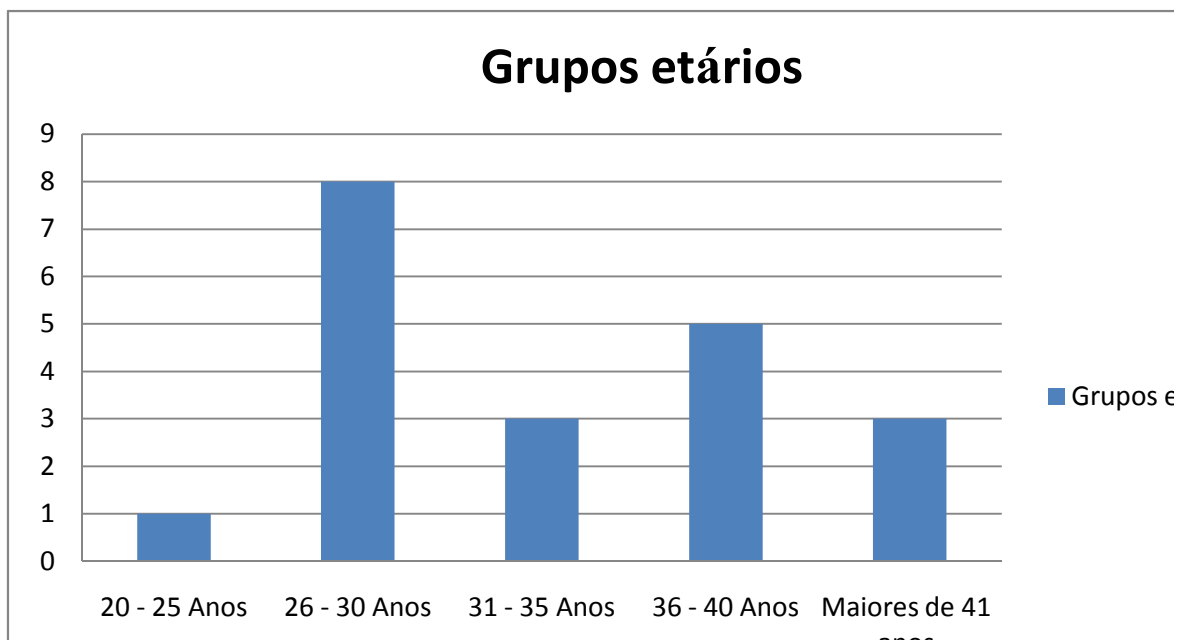
principais destinos ou local de transacção de mercadorias de origem ilícita bem como de transacção de mercadorias a preços relativamente baixos comparativamente ao mercado formal.

Relativamente a origem deste mercado, alguns estudos – como é o caso de Colaço (1998) aponta para o facto do “Estrela Vermelha” ter surgido nos finais da década de 1980 e princípios da década de 1990 e contexto das reformas económicas então em curso no país bem como, da guerra civil, das calamidades que originaram migrações massivas aos centros urbanos, mais particularmente a cidade de Maputo.

4.2. Perfil sócio-demográfico dos vendedores entrevistados

O grupo alvo da nossa pesquisa é são zambesianos vendedores do “Estrela Vermelha”. Neste ponto da monografia vamos apresentar as características sociais dos nossos interlocutores, a começar pela distribuição etária dos mesmos como ilustra o gráfico que se segue:

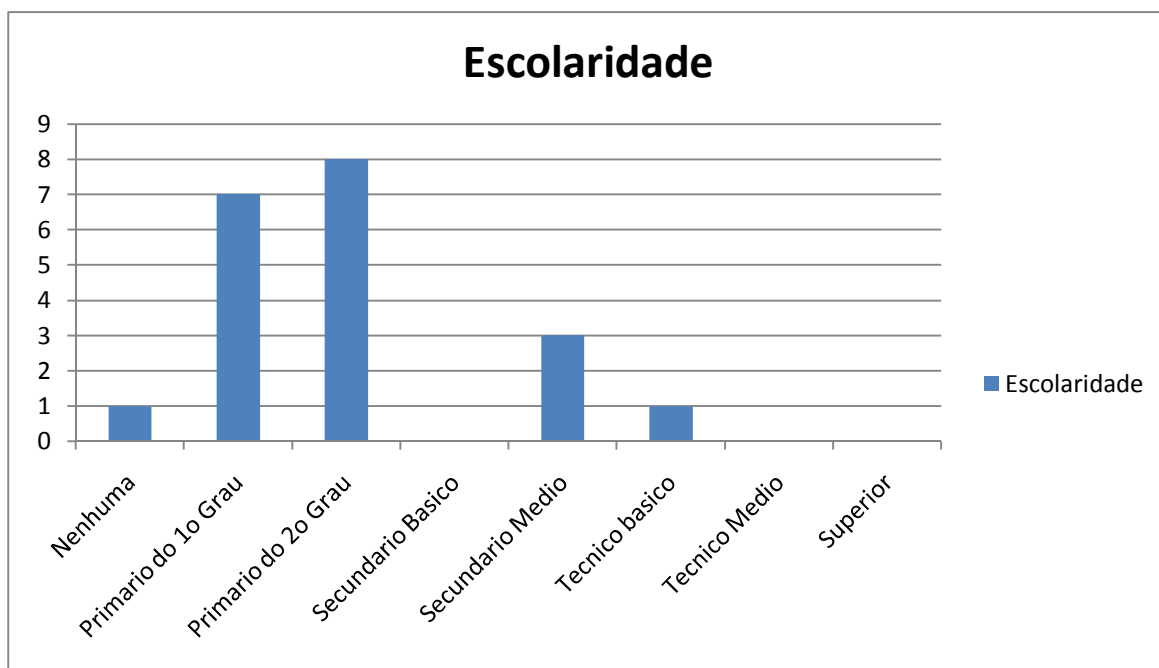
Gráfico 1: Distribuição etária dos entrevistados



Do gráfico observa-se que maioritariamente os vendedores que entrevistamos têm idades compreendidas entre 26 e 30 anos de idade, seguidos de indivíduos com idades entre 36 e 40

anos⁴. São indivíduos que vivem nas zonas periféricas dos municípios de Maputo e Matola e que têm na actividade informal a sua principal fonte de rendimentos. Em relação ao período em que estes se encontram na cidade e província de Maputo, há uma variação de entre 1 ano e 28 anos.

Gráfico 2: Escolaridade⁵ dos entrevistados



Do gráfico acima depreende-se que maioritariamente os indivíduos entrevistados são de baixa escolaridade: observa-se que 80% dos nossos interlocutores não possui um nível de escolaridade superior ao primário do 2º Grau. Segundo Colaço (1998), a baixa escolaridade pode ser apontada como causa da dificuldade de inserção profissional de grande parte dos migrantes que se encontram em actividades informais ou empregos precários na cidade de Maputo.

Dos nossos entrevistados, 8 são solteiros e os restantes 12 vivem em união de facto. A excepção de um entrevistado, os demais tem filhos e vivem geralmente em agregados familiares mistos: coma amigos, parentes próximos e distantes, esposa e filhos. Todos zambesianos entrevistados

⁴ Em termos de valores extremos, a pessoa mais nova que entrevistamos tem 21 anos e a mais velha 48 anos.

⁵ Neste *item* consideramos apenas os níveis de ensino concluídos.

tinham algum parente ou conhecido a viver em Maputo antes de decidirem migrar; somente um é que veio a cidade capital para se juntar ao Exército.

Estas são as características sociais dos nossos interlocutores e os mesmos não foram seleccionados em função do tipo específico de actividade que exercem no mercado.

4.3. Da Zambézia ao Maputo: definindo as causas de migração dos zambezianos

Moçambique é um país constantemente confrontado com avalanches de migração interna, sobretudo o êxodo Rural. Autores como Colaço (1998), Manjate (2007) enfatizam bastante as questões estruturais e os eventos naturais que podem explicar a tendência de muitas pessoas decidirem migrar internamente, sobretudo para as cidades.

Ao nível estrutural apontam-se a guerra civil que durou 16 anos (1976-1992) e as reformas políticas e económicas que aconteceram no país nos finais da década de 1980 e princípios da década de 1990. Estes eventos são tidos como tendo desestruturado os laços familiares nos meios rurais, suas formas de reprodução social e, conseqüentemente, terem originado o êxodo rural. Ao nível dos fenómenos naturais, aponta-se a seca e as cheias que afectam ciclicamente a população rural que depende fundamentalmente da agricultura.

No nosso caso específico, encontramos indivíduos que migraram fundamentalmente por razões estruturais, pois, nos seus contextos de origem as expectativas de emprego e de formação são bastante reduzidas. Observa-se, por exemplo, que 15 dos nossos entrevistados são oriundos de contextos rurais da Zambézia contra 5 que são originários da cidade de Quelimane; sabe-se que as zonas rurais são tidas como concentrando as camadas sociais mais pobres do país além de não oferecerem muitas oportunidades de emprego e de formação para os seus habitantes (Colaço, 1998).

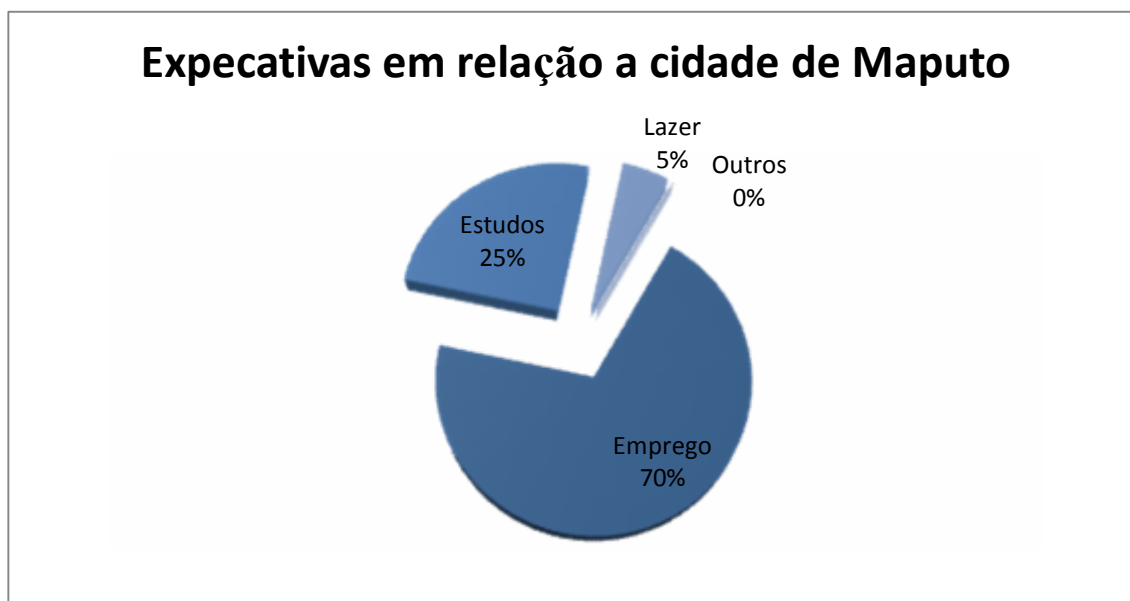
Entre os nossos entrevistados, a expectativa de em Maputo encontrar trabalho ou melhores condições de vida é a característica comum. Eis dois exemplos:

“Nós lá em Nicoadala só íamos a machamba todos os dias, não havia emprego. A única coisa que podíamos fazer era arranjar uns pequenos trabalhos de partime nas machambas de outras pessoas” (Carlos, 36 anos, vendedor do “Estrela Vermelha”).

“Muitas pessoas vivem de qualquer maneira e eu quando saia da zona para a cidade via como outras pessoas viviam e apreciava. Foi por isso que sai daquela vida atrás de melhores condições” (António, 36 anos, vendedor do “Estrela Vermelha”).

Pelos depoimentos dos nossos entrevistados, observa-se que a vida nas zonas de origem é descrita como precária daí, a necessidade de migrar e buscar novas condições em locais que ofereçam mais e melhores oportunidades de vida. Os nossos dados mostram que as expectativas dos migrantes andam em torno da possibilidade de emprego e de formação. Em apenas um caso observamos que as razões da migração estão relacionadas com a busca de prazer e de diversão na cidade de Maputo.

Gráfico 3: Expectativas por detrás da decisão de migrar.



Pelo gráfico apresentado, fica clara a ideia de que maioritariamente os nossos interlocutores se deslocam a cidade de Maputo em busca de emprego. Nos depoimentos anteriormente apresentados percebemos que a vida na zona de origem é caracterizada como sendo de poucas oportunidades para aqueles que desejam “progredir” na vida. Os depoimentos que se seguem apresentam as expectativas dos nossos interlocutores em relação à cidade de Maputo:

“Eu vim parar aqui em Maputo porque vim procurar melhores condições de vida. A vida lá estava difícil e eu ouvia falar de Maputo e acreditava que aqui eu podia encontrar trabalho, ter bom salário e viver bem com minha família” (Anónimo, 31 anos, vendedor do “Estrela Vermelha).

“Na minha zona há muita pobreza e as pessoas não progridem na vida, nascem e morrem pobres. Quando eu sai de lá eu esperava encontrar um bom emprego, uma ocupação que me desse dinheiro no final de cada mês para eu levar uma vida norma (Gil, 45 anos, vendedor do Estrela Vermelha).

“O que eu queria era estudar, terminar os meus estudos e apanhar um bom emprego. Até cheguei a estudar, mas por causa das dificuldades que encontrei tive que começar a trabalhar. No princípio encontrei emprego, mas ganhava pouco e por isso decidi fazer meu próprio negócio” (João, 29 anos, vendedor do “Estrela Vermelha).

Contudo, paralelamente à decisão de sair da zona de origem e optar por recomeçar a vida num lugar distante, há que considerar outras dinâmicas relacionadas com o papel das relações que os já migrados mantêm com as suas zonas de origem. Num dos pontos anteriores dissemos que 15 dos entrevistados afirmaram que tinham parentes ou conhecidos a viverem em Maputo antes de emigrarem e a esse dado se acresce o facto dos zambezianos na cidade de Maputo manter contacto com a sua terra de origem de quatro maneiras: (1) viajando periodicamente para lá; (2) recebendo visitas de seus parentes lá residentes; (3) enviando dinheiro e bens materiais à família e (4) mantendo contacto telefónico com familiares, amigos e conhecidos.

Este contacto desempenha um papel fundamental para que mais indivíduos decidam emigrar a cidade de Maputo com a finalidade de encontrar melhores condições de vida. Entre os depoimentos dos nossos interlocutores está quase sempre presente o facto de a deslocação a Maputo ter sido em grupo – na companhia de um ou mais indivíduos – ou então precedida de contactos com outros indivíduos migrantes já estabelecidos nesta cidade.

“Eu vim até Maputo na companhia de meu primo que já vivia aqui. Ele traz mercadorias da África do Sul e vem vender aqui; convenceu-me a vir lhe ajudar e hoje fazemos os negócios juntos” (Sabão, 40 anos, vendedor do “Estrela Vermelha”).

“Eu já ouvia falar de Maputo e via muitos jovens lá em Quelimane a saírem e dizerem que vão atrás de melhores condições. Eu sai de Quelimane com meu irmão que agora está vender na Baixa” (Boavida, 42 anos, vendedor do “Estrela Vermelha”).

Resumindo este ponto da monografia, entendemos que três causas principais podem explicar a deslocação dos zambezianos vendedores do mercado Estrela Vermelha a cidade de Maputo:

- 1º: Aspectos estruturais, pelo facto das suas zonas de origem serem consideradas pobres e com condições de vida precário;
- 2º: As expectativas individuais relacionadas com o sonho e a possibilidade de encontrar emprego e emancipação social na cidade de capital;
- 3º: O contacto que os migrados mantêm com a sua terra de origem atraindo mais zambezianos a cidade de Maputo.

4.4. Redes sociais e integração social dos zambezianos em Maputo

A participação em redes sociais pode ser considerada um dos vectores para a medição da integração social dos indivíduos num determinado contexto. Segundo Maia (2002), as redes sociais se caracterizam pela presença de uma teia de relações sociais, de laços que os indivíduos estabelecem e que envolvem reciprocidade, cumplicidade e complementaridade nas acções e práticas dos seus integrantes.

A ideia de redes sociais aplica-se na compreensão da situação dos zambezianos na cidade de Maputo e tal acontece em dois sentidos: primeiro, no sentido em que estes tendem agrupar-se em função de serem da Zambézia e, segundo, no sentido de que a vinda dos zambezianos da cidade de Maputo é geralmente suportada por seus conterrâneos estabelecidos em Maputo. Esta tendência á agrupar se em agregados de indivíduos com a mesma origem pode estar relacionada com a dificuldade inicial que estes migrantes enfrentam para se integrarem num contexto amplo como o da cidade de Maputo:

“Nós éramos insultados pelas pessoas daqui, dizem que somos xingondos⁶ e que viemos provocar roubos aqui em Maputo. Há pessoas que nos desprezam por sermos da Zambézia” (Pedrito, 28 anos, vendedor do “Estrela Vermelha”).

“Aqui a primeira dificuldade que encontrei foi de arranjar uma casa para arrendar porque o dinheiro que eu faço no negócio não dá para muita coisa. Tive que viver com família, depois com amigos até conseguir alugar minha própria casa e mandar vir minha mulher” (Sabonete, 32 anos, vendedor do “Estrela Vermelha”).

As dificuldades que os zambezianos enfrentam em Maputo os levam a se agregar em grupos onde podem, por um lado, estar num “espaço de iguais” onde ninguém os discrimina e, por outro lado, encontrar mecanismos e apoios necessários para começar uma vida em Maputo e distantes da terra de origem. A título exemplificativo, observamos que, à excepção de um, todos os nossos

⁶ Termo usado na cidade de Maputo para designar indivíduos das regiões centro e norte do país.

entrevistados participam em grupos e círculos de amizade, sobretudo a igreja, espaços onde reafirmam suas raízes e se apoiam uns aos outros.

Contudo, a partir do momento em que estes se agregam em função do facto de serem zambezianos, estes criam grupos restritos, frequentam poucos espaços de sociabilidade e, conseqüentemente, não se encontram integrados num contexto mais amplo da cidade de Maputo. Yves (1994) refere que a incorporação de novos valores inerentes ao espaço para o qual se emigra, pode ser considerado um elemento para medir a integração social do indivíduo na sua “nova casa”.

O que acontece com os zambezianos que entrevistamos é que eles vivem na cidade de Maputo contudo, mantendo valores, práticas, relações e interações sociais com indivíduos da ou na sua terra de origem. A cidade de Maputo é vista como um espaço onde as actividades de subsistência são exercidas. A integração social pressupõe uma participação plena nas actividades de uma sociedade e uma identificação com os valores e normas da mesma (Pinto, 1991).

“Eu tenho amigos machuabos⁷ como eu [...]. Nos fins de semanas nós nos encontramos, nos visitamos ou vamos beber uns copos numas esquinas qualquer” (Pedrito, 28 anos, vendedor do “Estrela Vermelha”).

“Tenho amigos aqui em Maputo e agente procura se encontrar sempre para saber como cada um está ou se precisa de apoio ou de ajuda em qualquer coisa que pode estar a precisar” (Sabonete, 32 anos, vendedor do “Estrela Vermelha”).

“Eu tenho amigos na igreja quase todos são de lá na zona. De vez em quando eu vou lhes visitar e eles também vêm para minha casa. Ter família é bom e aqui nós estamos longe de casa por isso devemos nos apoiar uns aos outros” (Paulo, 45 anos, vendedor do “Estrela Vermelha”).

⁷ Grupo etnolinguístico de origem zambeziana.

Pelos depoimentos acima apresentados observamos uma tendência para a preferência pelo desenvolvimento de relações com indivíduos da zona de origem. A título exemplificativo podemos citar o facto de apenas dois dos nossos interlocutores em situação marital terem optado por mulheres de Maputo, 10 optaram por trazer mulheres da Zambézia. Há um contacto permanente com a Zambézia e entre os zambezianos e que os distancia dos espaços de sociabilidade da cidade de Maputo.

No mercado, por exemplo, observamos que é frequente os zambezianos se comunicarem nas línguas das suas zonas de origem; isto chama atenção para a consideração das dinâmicas sociais características daquele espaço e que decorrem das interacções sociais que ocorrem no mercado. Se considerarmos o facto dos vendedores passarem maior parte do dia em actividades no mercado, podemos considerar este espaço o local através do qual os zambezianos migrantes que lá vendem entram em contacto com a realidade da cidade de Maputo, com os seus valores e com as suas normas.

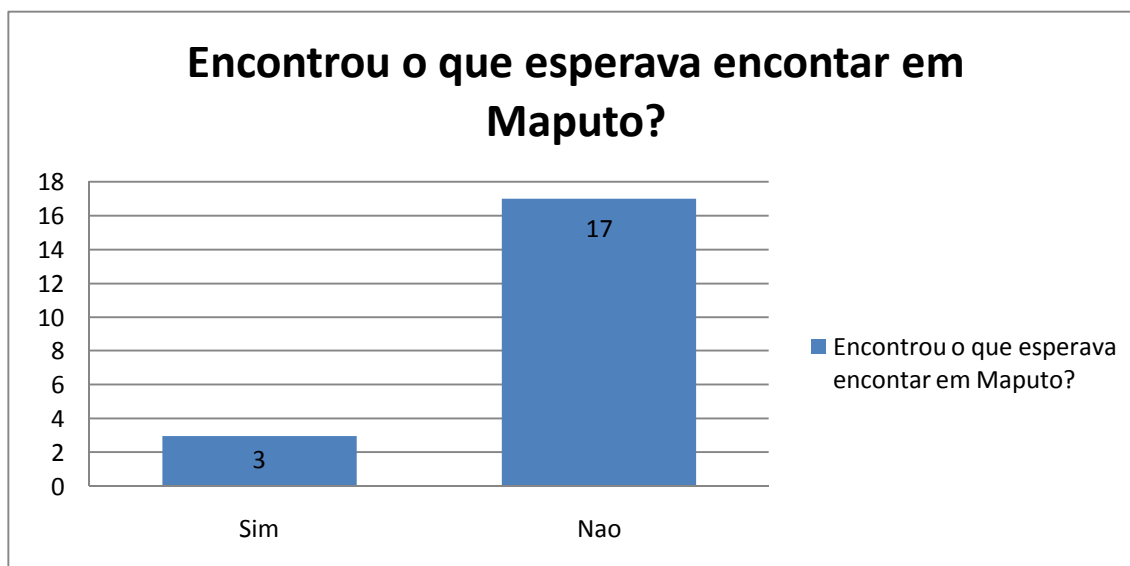
Portanto, o que estamos defendendo aqui é num contexto mais amplo da cidade de Maputo, os zambezianos não estão socialmente integrados, pois se agregam em função da sua zona de origem e não participam em múltiplos espaços de sociabilidade. No ponto que se segue entramos para a questão essencial da nossa monografia e onde procuramos analisar as características da inserção social dos zambezianos vendedores do mercado Estrela Vermelha na cidade de Maputo.

4.5. Inserção social e permanência dos zambezianos na cidade de Maputo

Sendo a inserção social uma forma de engajar a população a favor do coletivo, de modo que todos, sem excepção, possam ter acesso à informação, alimentação, saúde, educação, habitação, trabalho, renda e dignidade. E a única forma de se chegar a esse ponto é mobilizar a sociedade como um todo para que todos efetivamente possam ser integrantes de uma sociedade mais justa, igualitária e que promova crescimento real em todas as regiões, eliminando seus déficits apresentados nos indicadores sociais discutidos mundialmente. Nos depoimentos transcritos anteriormente e nas discussões apresentadas observa-se que os zambezianos procuram na cidade de Maputo a possibilidade de melhorar de vida através de um emprego ou ocupação que lhes confira rendimentos aceitáveis e estáveis.

Contudo, a expectativa em relação a cidade de Maputo nem sempre é correspondida. Observemos o gráfico que se segue:

Gráfico 4: Satisfação das expectativas na cidade de Maputo.



Pelo gráfico apresentado observa-se que maioritariamente os nossos interlocutores não ficaram satisfeitos com as condições que encontraram na cidade de Maputo. Essa não satisfação está relacionada com as possibilidades ocupacionais que lhes foram oferecidas na cidade de Maputo, tendo em conta as expectativas anteriormente construídas. A esperança era encontrar uma vida fácil e maiores possibilidades de emprego, contudo, devido as baixas qualificações literárias e a incapacidade do mercado em observar todos os indivíduos em idade economicamente activa (Colaço, 1998), estes indivíduos se viram na contingência de optarem pela actividade informal ou por empregos precários ou mal pagos.

Dos nossos entrevistados 5 já tiveram um emprego remunerado e os restantes 15 nunca tiveram um emprego formal na cidade de Maputo. Contudo, dos que tiveram um emprego formal, todos reclamam ter auferido baixos salários e precárias condições de trabalho:

“Eu já trabalhei como segurança. A empresa fechou e nem todos fomos indemnizados. Mesmo quando trabalhava naquela empresa⁸ eu não conseguia satisfazer todas as minhas necessidades” (Jamal, 40 anos, vendedor do “Estrela Vermelha”).

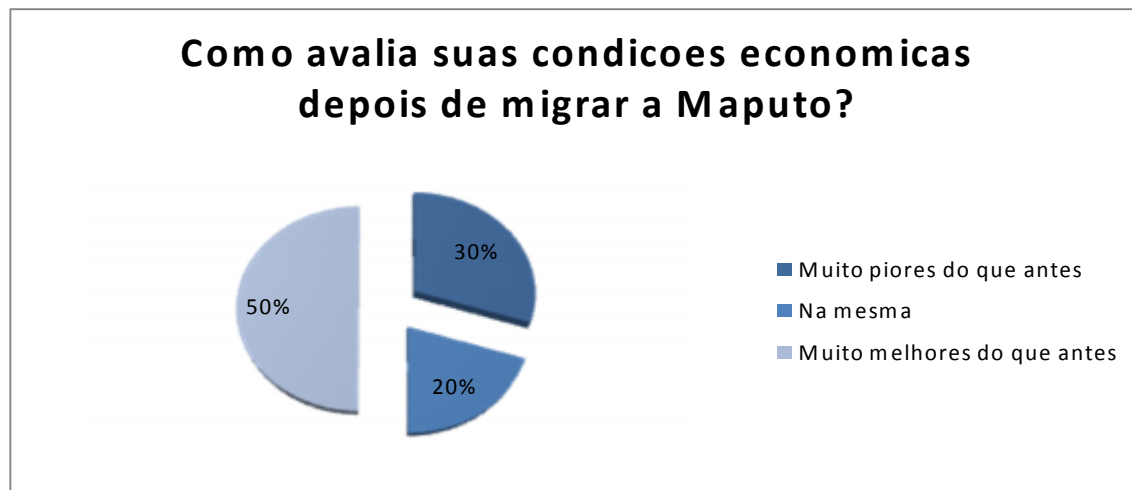
“Trabalhei um tempo como motorista mas o que ganhava era muito pouco para eu conseguir comer e sustentar minha casa. As despesas são muitas e vi que vendendo eu havia de conseguir mais dinheiro” (Orlando, 29 anos, vendedor do “Estrela Vermelha”).

Estes vendedores reconhecem que enfrentam muitas dificuldades no exercício da actividade informal, contudo, “sentem-se melhor” nela do que a trabalhar e auferir um rendimento baixo e de acordo com as suas qualificações literárias. Assim, o mercado informal acaba sendo uma via através da qual estes indivíduos superam os problemas relacionados com o desemprego e com a baixa renda.

Dada esta situação, procuramos saber dos nossos entrevistados se conseguiam satisfazer todas as suas necessidades básicas através dos rendimentos do sector informal. Sobre esta questão, 5 afirmaram que consegue e 15 afirmaram que não consegue satisfazer na totalidade as suas necessidades do quotidiano. Contudo, a questão é bem mais profunda e implica perceber também como é que os zambesianos avaliam suas condições socioeconómicas na cidade de Maputo a avaliarem pelos seus rendimentos e comparativamente a vida que levavam na sua terra de origem. Observemos o gráfico que se segue:

⁸ Por questões éticas o nome da organização a que o nosso interlocutor se refere não será revelado.

Gráfico 5: Avaliação das condições económicas depois de migrar a Maputo.



Do gráfico acima observa-se 10 dos entrevistados considera que as suas condições de vida melhoraram na cidade de Maputo, 7 consideram que suas condições continuam na mesma e os restantes 3 afirmaram que vivem em condições muito piores do que as que tinham na Zambézia. Destes dados observa-se que nem todos zambesianos tiveram uma inserção com as mesmas características ao migrarem para a cidade de Maputo. Para melhor análise deste ponto vamos analisar cada um destes grupos tendo em conta as dimensões do conceito inserção social que foi definido na conceptualização e de acordo com Acioli (2007).

A primeira dimensão da inserção social, convida a sociedade a pensar novos modelos para aplicá-los em prol do bem-estar comum. Neste ponto observamos que todos zambesianos tiveram uma inserção social na medida em que a sua presença em Maputo implicou o abandono da terra de origem para se fixar em Maputo na esperança de encontrar melhores condições de vida.

A segunda dimensão se refere à consolidação destas mudanças, nas suas condições de vida exemplo um trabalho precário. Observa-se aqui uma falta de inserção para aqueles que se consideravam “desocupados”; uma vez que consideram degradantes as condições de trabalho no mercado informal e uma inserção social para aqueles que mudaram de ocupação, do formal para

o informal ou de um determinado sector do informal para outro sector do informal. A seguir são apresentados sequencialmente três depoimentos:

“Eu aqui pelo menos faço alguma coisa, é diferente de ficar em casa sem fazer nada ou passar o dia todo na machamba dos outros a fazer pequenos trabalhos que não dão assim muito dinheiro” (Joaquim, 29 anos, vendedor do “Estrela Vermelha”).

“As minhas condições pioraram, eu só vendo porque também não posso ficar parado mas as minhas condições não são boas. Eu vivo a desenrascar todos os dias” (Carlos, 36 anos, vendedor do “Estrela Vermelha”).

“Tenho boa mão para o negócio e acho que sinto melhor vendendo que a fazer outra coisa. Desde pequeno que eu tenho queda no negócio. Já trabalhei, mas o negócio é o que mais gosto de fazer” (João, 29 anos, vendedor do “Estrela Vermelha”).

Mesmo não se sentindo totalmente satisfeitos com as condições de vida que encontraram na cidade de Maputo, os nossos entrevistados afirmam que se registaram mudanças nas suas vidas, para pior ou para melhor, o que nos leva a segunda dimensão do conceito inserção social de Acioli (2007) que é a mudança no estatuto socioeconómico. A excepção dos que afirmam que suas condições em Maputo pioraram, mesmo aqueles que dizem que continuam na mesma acham que em Maputo estão melhores que se estivessem na província da Zambézia, porque no Maputo conseguem satisfazer as necessidades básicas mesmo de forma defeitosa mas conseguem.

Agora vamos discutir os aspectos relacionados com a permanência dos zambesianos na cidade de Maputo, independentemente de terem ou não encontrado o que esperavam encontrar. Um dos pontos aqui apresentados refere que apenas 7 dos entrevistados afirmaram ter encontrado o que procurava na cidade de Maputo. Diante disso, há que perceber as razões que fazem com que os zambesianos permaneçam na cidade de Maputo, mesmo reclamando do custo de vida e de não conseguirem satisfazer todas as suas necessidades com o que ganham no sector informal.

Uma das perguntas que colocamos prende-se com a possibilidade de um regresso definitivo a terra de origem. Para esta pergunta, 5 afirmaram ponderar a possibilidade de regresso a terra de origem enquanto 15 referiram que voltar a Zambézia não faz parte de seus planos. Em relação ao primeiro grupo, este é composto por indivíduos que dizem que suas condições pioraram ou continuam na mesma na cidade de Maputo, contudo, impõem condições: voltar a terra é uma possibilidade e dela está dependente a possibilidade de encontrar trabalho e rendimentos dignos.

“Quando sai da Zambézia fui recrutado pelo Estado e disseram que eu ia para Cuba Estudar. Mas quando cheguei a Maputo fui à tropa, desmobilizei e hoje estou aqui, no mercado. Na minha zona ninguém sabe que estou a vender e eu prefiro ficar aqui a sofrer porque lá as pessoas vão cobrar de mim e lá não há nada que eu possa fazer, e a vergonha seria maior” (Jacinto, 40 anos, vendedor do “Estrela Vermelha”).

“Se eu voltar vou fazer o quê? Aqui pelo menos tenho negócio e consigo viver a minha maneira. Gostaria de voltar porque aqui sofro mas sem emprego ou sem conseguir abrir um bom negócio vai ser muito difícil” (Anônimo, 31 anos, vendedor do “Estrela Vermelha”).

Destes dois depoimentos observa-se que o regresso a terra está condicionado a possibilidades de ter um emprego condigno que lhes possa ajudar, na terra de origem. Está presente também algum ressentimento em relação às expectativas que foram construídas em relação à sua migração a cidade de Maputo. Muitos conseguem enviar dinheiro e bens materiais à terra de origem, contudo, voltar para lá pode significar o fim das possibilidades de negócio e deterioração nas condições de vida, isso porque já criaram no Maputo redes sociais que existem na entre eles, ha uma inter ajuda

Em relação ao segundo grupo, este é composto por indivíduos que se dizem habituados a vida que levam na cidade de Maputo, indivíduos que são cépticos em relação a possibilidade de obterem o mesmo sucesso nas suas actividades como tem acontecido na cidade de Maputo. Estas são as razões porque, independentemente das características da sua mobilidade, os vendedores

O'' sucesso da vergonha'' estudo de caso: zambeianos no mercado estrela vermelha em Maputo

informais do mercado Estrela Vermelha preferem continuar em Maputo e não regressar à sua terra de origem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da monografia discutimos os aspectos inerentes a inserção social e permanência dos zambezianos vendedores do mercado Estrela Vermelha na cidade de Maputo. Não buscamos generalizações que busquem explicações universais sobre a situação dos zambezianos na cidade de Maputo contudo, acreditamos que apresentamos importantes discussões do âmbito das Ciências Sociais, no geral, e da Sociologia em particular.

Consideramos que alcançamos o nosso objectivo principal de estudar a inserção social dos zambezianos na cidade de Maputo e de identificar as causas da sua permanência nesta cidade. Com todas as limitações que o nosso estudo pode apresentar, buscamos perceber o fenómeno numa perspectiva interaccionista e de compreensão da inserção social tal como é discutido na Sociologia.

Tomando em consideração os dados e discussões apresentados, consideramos confirmadas as nossas hipóteses de trabalho. Na primeira hipótese defendemos que a inserção social dos zambezianos vendedores do mercado Estrela vermelha é principalmente geográfica e ocupacional, isto na medida em que a deslocação destes a Maputo não trouxe melhorias económicas significativas nas suas vidas. A mesma é confirmada na medida em que mostramos com dados que a maioria dos zambezianos não considera satisfeitas as expectativas que os levaram a cidade de Maputo bem como, não tiveram grandes melhorias nas suas condições socioeconómicas, mesmo tendo uma vida relativamente melhor que na sua terra de origem, condições essas que são ter uma casa com água e luz, alimentação, divertir-se com os amigos.

Na segunda hipótese argumentamos que a permanência dos zambezianos na cidade de Maputo está também relacionada com a vergonha destes em regressarem a sua terra natal sem o sucesso desejado, sendo a vergonha um sentimento desagradável relacionado com o receio da desonra ou do ridículo, cujo a vergonha que ora enfrentariam consistiria em sentir-se excluído do grupo (famílias, amigos, vizinhos), sensação de perda de dignidade, humilhação, desonra a quando a sua chegada a Zambézia. E outro motivo pelo facto de não conseguir responder as necessidades dos seus familiares a quando a sua chegada, porque estando no Maputo consegue fazê-lo, voltando tem o receio de não satisfazer.

E segundo, o facto de que na cidade de Maputo construírem redes de relações sociais, de sociabilidade que lhes permitem recomeçar as suas vidas distantes da província da Zambézia. Redes sociais estas que se constituem da seguinte maneira: primeiro destes tende a se agrupar em função de serem da Zambézia e segundo a vinda dos mesmos é geralmente suportada por seus conterrâneos na cidade de Maputo. Isto ficou demonstrado na medida em que a maioria dos entrevistados afirma que na Zambézia teria dificuldades de inserção profissional e ocupacional para além de que, estariam sujeitos a cobranças relativas ao seu insucesso por terem migrado a Maputo na expectativa de encontrar melhores condições de vida.

Além disso, há que considerar que a maioria dos entrevistados não pondera a possibilidade de voltar a Zambézia e mesmo aqueles que consideram essa possibilidade, entendem que já se habituaram ao modo de vida que levam em Maputo pois, construíram aqui redes sociais e de amizades que os permitem viver sem estar necessariamente na terra de origem.

Diante dos pressupostos de melhorarias nas condições de vida que conseguiriam na cidade de Maputo a vergonha é que é o sucesso ou o ''eldorado'' que conseguem, contrastando com os objectivo que os fizeram migrar a cidade de Maputo que buscar melhores condições de vida.

O mercado Estrela Vermelha onde os zambezianos que entrevistamos desenvolvem actividades do sector informal também configura realidades sociais distintas e, por isso, acreditamos que mais estudos podem ser feitos no mesmo espaço. Assim, acreditamos que podem ser desenvolvidos estudos que analisem a questão das redes sociais entre vendedores para além do interessante tema relacionado com a representação social da cidade de Maputo entre os migrantes que por aqui esperam encontrar melhores condições de vida.

BIBLIOGRAFIA

ACIOLI, S. 2007, Redes Sociais e Teorias Sociais: revendo os fundamentos de um conceito, in: Londrina, vol, 12.

ARAÚJO, Manuel, G, M e RAIMUNDO, Inês (1999): In gazeta demográfica, n.1 Universidade Eduardo mondlane, cep, projectos MOZ/B98P08, Set. /99

ARAÚJO, Manuel G, M (1997) Cidade de Maputo, Espaços, Constrangimentos: Do Urbano ao Rural. Edição Finisterra, XXXIV.pp.175-190.

AZEVEDO, T (1996). As Elites de Cor numa Cidade Brasileira: Um Estudo de Ascensão Social, Classes Sociais e Grupos de Prestígio. Salvador: Edufba

BEAUJEU-GARNIER, jacqueline (1997): Geografia Urbana (2ed), Lisboa, fundação caloste Gulbenkian

BOURDIEU, Pierre (2001) O Poder Simbólico, Lisboa: Difel

COLAÇO, João (1998), Os vendedores informais do mercado do museu, Maputo: CEA.

DEMO, Pedro (2000), Introdução á Metodologia de Investigação em Ciências Sociais, 3edição, São Paulo: Zahar editores.

FERREIRA, J.M.C et al. (1995) SOCIOLOGIA, Lisboa, Copy Right @ McGraw-Hill.

GAUDEMAR, J. P. de. *A Mobilidade do Trabalho e Acumulação do Capital*. Portugal: Estampa, 1977. 404 P.

GUIMARÃES, A.S.A (1990), "Identidades em Conflito: Técnicos e Peões na Petroquímica da Bahia", *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, n. ° 13, pp. 51-68.

GOLDENBERG, M (2000), *A Arte de Pesquisar: Como fazer uma pesquisa Qualitativa em ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Record.

O'' sucesso da vergonha'' estudo de caso: zambesianos no mercado estrela vermelha em Maputo

GUGLER, Josef (1992), *Patterns of Political Integration and Conflict*; In: GILBERT, Alain and GUGLER, Josef, *Cities, poverty and Development: Urbanization in Third World*. Oxford University Press 2a Ed, pp.177-211...

GRANOVETTER, Mark e Richard Swedberg (1992) *The Sociology of Economic Life*, Boulder, Westview.

LOFORTE, A (1987). *Migrações e a Sua Relação com o meio Rural* in: *Trabalhos de Arqueologia e Antropologia*.

INE (2004). *Inquérito Nacional aos Agregados Familiares sobre Orçamento Familiar 2002/03*.

INE (2007). *Estatísticas Sociais e Demográficas de Moçambique (ESDEM)*. Maputo: http://www.ine.gov.mz/esdem/esdem_manual

MAIA, R, B 2002. *Migração e Redes de Ralações sociais em Meio Urbano: Um Exemplo a partir do Porto*. s/d *Revista de Demografia Histórica*.

MANJATE, N (2007) *Integração dos imigrantes em contextos Urbanos: o Caso dos Alfaiates de Nampula no Bairro do Altó Maé* (Tese de Licenciatura em Antropologia não Publicada), Maputo: UEM/FLCS/DAA.

MEAD, George Herbert, (1934), *Mind, Self e Society*, Chicago, the University of Chicago Press.

MICOA: *Saiba (quase) Tudo Sobre os Males de Maputo: Novo Moçambique, Junho 1997*.

MITCHELL, C. (1969). *The Concept and Use of Social Networks*, in: Mitchell, C(ed). *Social Network in Urban Situations: analyses of personal relationships in African towns*. Manchester University Press.

MUCHANGOS, Aniceto dos (1994): *Cidade de Maputo: aspectos geográficos*, Maputo, Editora Escolar, 2994.

OSORIO, R. G.(2003) *Mobilidade Social sob a Perspectiva da Distribuição de Renda*. Instituto de Ciências Sociais, Departamento de Sociologia, Universidade de Brasília, Brasília

O'' sucesso da vergonha'' estudo de caso: zambesianos no mercado estrela vermelha em Maputo

OUCHO, John e Gould, William T, S In: *Changements Démographiques Au Afrique Subsaharienne*, Chier No135, France, Ined-Puf, 1996.

PEDRO, Vânia. M.(2008), *O Papel das Redes de Parentesco na Integração de Migrantes Oriundos da Zambézia na Cidade de Maputo*, Tese de Licenciatura em Antropologia, Maputo.

PIERSON, D.(1945) *Branços e Pretos na Bahia: Estudo de Contacto Racial*. São Paulo: Companhia. Editora Nacional. (Colecção Brasileira, v. 241).

PINTO, Costa (1992), *O Negro no Rio de Janeiro: Relações de Raças numa Sociedade em Mudança*. São Paulo: Companhia Editora Nacional (Colecção Brasileira, v. 276).

PINTO, José Madureira (1991), *Considerações sobre a Produção Social de Identidade*, In: *Revista Critica de Ciências Socais*, Vol, 1 No32, 1º Congresso Luso-Afro-Brasileiro de ciências sociais; *Saber e Imaginar*, vol, 1 Coimbra: Centro de Estudos Sociais.

RAPOSO, ISABEL (2002), *Aceleração do Crescimento Populacional de Maputo* In: *OPPENHEIMEIR, Jochen e Raposo, Isabel. A Pobreza em Maputo*. Lisboa: Editora, Ministério de Trabalho e Solidariedade, Departamento de Cooperação.

SITOE, Rogério, dos Anjos, F.(2004) *Imigrantes Zambesianos na cidade de Maputo: Adaptação e Integração*, Tese de Licenciatura em sociologia, Maputo.

TAJÚ, Gulamo, A (1993) *Desemprego e Conflitos Sociais*, Centro de Estudos Africanos, Maputo,

TURNER, Jonathan, H (1999), *Sociologia: conceitos e Aplicações*, S, Paulo: Makron, Books

YVES, Grafmeyer (1994), *Sociologia Urbana*, Portugal: Edição Publicações Europa.

WIRTH, Louis (1987) *Urbanismo como Modo de Vida*, in Oliven, ruben George *Antropologia dos Grupos Urbanos*, São Paulo, Editora Vozes, Ltda.

ANEXOS

QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ZAMBEZIANOS VENDEDORES DO MERCADO ESTRELA VERMELHA NA CIDADE DE MAPUTO.

GUIÃO DE ENTREVISTAS AOS ZAMBEZIANOS RESIDENTES NA CIDADE DE MAPUTO E EM ACTIVIDADE INFORMAL NO MERCADO ESTRELA VERMELHA

IDENTIFICAÇÃO DO QUESTIONÁRIO:

Questionário número _____/2011

Hora de começo ___: ___ Hora do fim ___: ___

Data ___/___/2011

APRESENTAÇÃO

Meu nome é **Silvana Fernando Lia** e estou a desenvolver uma pesquisa sobre a inserção social dos zambesianos na cidade de Maputo. Estou a entrevistar pessoas que assim como o(a) Sr.(a) são oriundos da Zambézia. A entrevista vai durar cerca de 20 minutos e para aquilo que são os objectivos não há respostas certas nem erradas. Suas respostas serão adicionadas às dos demais entrevistados e não será identificado pelo que vai dizer, por isso sinta-se a vontade para dizer o que pensa.

Tem alguma pergunta que queira fazer antes de começarmos?

SECÇÃO I: Identificação do(a) entrevistado(a)

1. Nome (opcional) _____
 2. Sexo
 - a) Masculino
 - b) Feminino
 3. Idade _____
 4. Escolaridade (nível de ensino concluído)
 - a) Nenhuma
 - b) Primário do 1º Grau
 - c) Primário do 2º Grau
 - d) Secundário Básico
 - e) Secundário Médio
 - f) Técnico-profissional Básico
 - g) Técnico-profissional Médio
 - h) Ensino Superior
 - i) Outros. Especifique
 5. Estado Civil
 - a) Solteiro(a)
 - b) Casado(a)
 - c) União de facto
 - d) Divorciado(a)/Separado(a)
 - e) Viúvo(a)
 - 5.1. Se casado ou em união de facto, qual a ocupação do conjugue? _____
 - 5.2. Se casado ou em união de facto, indique a residência actual do conjugue. _____

 6. Número do agregado familiar _____
 7. Com quem vive na cidade de Maputo?
 - a) Sozinho
 - b) Com a mulher e com os filhos
 - c) Com amigos
 - d) Com outros familiares (primos, tios, cunhados)
-

e) Outros, especifique. _____

8. Bairro de residência actual _____

SECÇÃO II: Sobre deslocação à cidade de Maputo

9. Há quanto tempo se encontra na cidade de Maputo? _____

10. Conte-nos como é que veio parar na cidade de Maputo

11. O que lhe fez decidir sair da sua terra natal?

12. Tem algum familiar a viver em Maputo ou conhecia alguém a viver aqui antes de decidir emigrar?

a) Sim

b) Não

13. O que esperava encontrar em Maputo?

a) Emprego

b) Oportunidade de negócio

c) Lazer

d) Outros, especifique. _____

14. Acha que encontrou o que esperava encontrar na cidade de Maputo?

a) Sim

b) Não

14.1. Justifique sua opção de resposta _____

15. Quais são as dificuldades que enfrentou quando começou a viver na cidade de Maputo?

16. Tem ido à sua terra de origem?

a) Sim

b) Não

16.1. Se sim, com que periodicidade? _____

16.2. Se não, que motivos o fazem não ir à sua terra de origem? _____

17. A sua família tem vindo a cidade de Maputo lhe visitar?

a) Sim

b) Não

SECÇÃO III: Integração socioeconómica e Inserção social

18. Já trabalhou em alguma organização/empresa desde que veio a Maputo?

a) Sim

b) Não

18.1. Se sim, em que sector formal ou informal trabalhou?

19. Actualmente, que actividade desenvolve para se sustentar?

20. Consegue satisfazer as suas necessidades básicas com os rendimentos que obtêm?

a) Sim

b) Não

21. Tem enviado dinheiro ou outros bens materiais para a sua terra de origem?

a) Sim

b) Não

22. Como é que avalia as suas condições económicas depois de emigrar a cidade de Maputo?

a) Muito piores do que antes

b) Continuam na mesma

c) Muito melhores do que antes

d) Melhorou consideravelmente

22.1. Justifique a sua opção de resposta. _____

23. A avaliar pelas suas condições económicas actuais, conseguiu alcançar o que pretendia na cidade de Maputo?

a) Sim

b) Não

24. Tem amigos e tem participado em convívios na cidade de Maputo?

a) Sim

b) Não

24.1. Justifique a sua opção de resposta. _____

24.2. Se sim, qual é a origem desses amigos e com que periodicidade se tem encontrado com eles?

25. Já pensou em regressar definitivamente à sua zona de origem?

a) Sim

b) Não

25.1. Justifique a sua opção de resposta. _____

26. Há algum comentário que quer fazer a respeito do que foi perguntado ou do que não foi perguntado ao longo da nossa conversa?

Muito obrigada
